



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16260 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 07 - Alfabetização, Leitura e Escrita

OS DESAFIOS DO PÓS PANDEMIA NA PERPECTIVA DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA

Carmen Regina Gonçalves Ferreira - FURG/PPGEDU - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Juliane de Oliveira Alves Silveira - FURG/PPGEDU - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Janaína Soares Martins Lapuente - FURG - Universidade Federal do Rio Grande

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

OS DESAFIOS DO PÓS PANDEMIA NA PERPECTIVA DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA

RESUMO: O objetivo deste texto consiste em problematizar o contexto da alfabetização no período pós-pandemia a partir da perspectiva de uma alfabetizadora. Os dados foram coletados a partir da metodológica de encontros de pesquisa-formação que ocorreram de 2021 a 2023, com um grupo de docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A análise dos resultados aponta que a reabertura das escolas em 2021 foi marcada inicialmente pela infrequência dos alunos, defasagem de aprendizagens, estranhamento da escola ao seguir protocolos sanitários e dificuldades das crianças em entender a dinâmica da cultura escolar. Nos anos posteriores permaneceram as acentuadas dificuldades de aprendizagens dos alunos, que sem um planejamento estratégico da mantenedora, exigiu que a alfabetizadora elaborasse ações pedagógicas para a recomposição das aprendizagens. Tudo isso gerou sobrecarga do trabalho docente e sensação de impotência intensificada pela ausência de ações formativas e condições de infraestrutura para viabilizar um ensino de qualidade no contexto pós-pandemia, direito básico adquirido pela constituição brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Ensino Pós-Pandemia. Sobrecarga de Trabalho.

O ano de 2020 foi marcado por uma crise mundial em decorrência da pandemia da Covid-19 que afetou vários segmentos da sociedade, em especial, a educação de crianças pequenas. Embora o período pandêmico tenha passado, reforça-se a importância de se continuar investindo em estudos que abordem não apenas como ocorreu a educação nesse período, como sua influência no contexto pós-pandemia. Para tanto, apresenta-se neste texto dados que tiveram como locus de análise as experiências docentes vivenciadas por uma alfabetizadora que trabalhou com turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola no estado do Rio Grande do Sul.

Desse modo, apresentam-se, inicialmente, as problematizações acerca do retorno ao ensino presencial e nos anos seguintes. Na sequência, descreve-se o percurso metodológico, sendo que, para o caso deste texto, elege-se dois encontros pesquisa-formação, cujo foco de discussão foram o retorno das aulas presenciais em 2021 e os reflexos desse período em 2023. Por fim, analisam-se os resultados a partir dos relatos dessa docente e tecem-se reflexões a respeito do quanto os reflexos desse período ainda reverberam no contexto educacional.

O retorno às aulas presenciais no estado do Rio Grande do Sul ocorreu em maio de 2021 durante o período de vacinação ainda incompleto. Passado mais de um ano e meio de pandemia, o que se observou em virtude do in(sucesso) do Ensino Remoto Emergencial (ERE) e da pressão dos diferentes âmbitos da sociedade foi a retomada das aulas presenciais em meio à pandemia. Ainda que, por vezes, esse retorno tenha sido condicionado ao processo de vacinação – o qual, em agosto de 2021, contava com “apenas 47,96% da população” vacinada com a primeira dose, sendo “a taxa de totalmente imunizados de apenas 19,89%” (Bertoni, 2021, p. 11) – e que exista a circulação de diversas variantes do vírus, a abertura das escolas pareceu inevitável.

Considerando, portanto, a retomada das atividades presenciais, o Ministério da Educação (MEC) lançou o Protocolo de Biossegurança para Retorno das Atividades nas Instituições Federais de Ensino, com base nas orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) a respeito de algumas precauções para minimizar a disseminação da infecção pelo SARS-CoV-2 que poderiam ser seguidas nas escolas. Com base nessas orientações, as escolas deveriam organizar o atendimento de um número reduzido de alunos por turma, mantendo classes e cadeiras com afastamento de 1,5m, janelas abertas, ambientes bem higienizados, utilização de máscaras (alunos, professores e funcionários), aferição de temperatura de todos que adentrassem a escola (tendo como limite 37°), horário reduzido das aulas, nenhuma atividade que promovesse aglomerações, como o intervalo, dentre outras restrições presentes

nos protocolos.

Toda essa nova configuração fez com que a escola, sobretudo, a da rede pública, não fosse a mesma que as crianças conheceram, haja visto, as readaptações necessárias e mencionadas, tais como o rodízio de grupos de estudantes, o distanciamento físico entre os pares e a professora, a suspensão do recreio, do uso dos espaços coletivos, entre outros. Certamente, essa nova rotina na escola causou estranhamento, necessitando um período de readaptação, de afastamento dos pais e de um planejamento estratégico elaborado em conjunto nas instituições educacionais que considerasse especialmente as perdas de aprendizagens das crianças que tiveram um acesso precário ou inexistente durante o ensino remoto. Isso exigiu uma cuidadosa revisão curricular “priorizando habilidades e conteúdos a serem trabalhados no atual ano letivo, de forma a repor o que não foi bem assimilado ou sequer trabalhado em 2020 e, ao mesmo tempo, avançar no que se pode ensinar em 2021” (Costin, 2021, p. 3). Assim, ao reabrir as escolas os docentes e discentes se depararam com um novo cenário que exigiu uma reorganização que de certa forma não atingiu apenas aos modos de ensinar e aprender, mas também influenciou as próprias relações entre os sujeitos que convivem no espaço escolar.

Frente a esse cenário, entende-se a importância de se ouvir as professoras que viveram diretamente essa situação, na tentativa de conhecer melhor essa fase da educação durante e após a pandemia. Assim, a partir de uma perspectiva qualitativa (Bogdan; Biklen, 1994), seguiu-se a abordagem metodológica da pesquisa-formação, a qual estabelece uma estreita relação entre a ação reflexiva de si e a ressignificação da experiência, uma vez que as narrativas de formação possibilitam aos sujeitos questionarem suas identidades (Josso, 2004). Partindo desse pressuposto metodológico organizou-se um grupo de pesquisa-formação, constituído por seis professoras alfabetizadoras.

Os encontros aconteceram de forma *on-line*, via plataforma *Google Meet*, perfazendo um total de 13 encontros de duas horas cada, no período de 2021-2023, os quais foram gravados e transcritos. A dinâmica deste grupo consistia em estudo prévio de leituras de textos científicos ou vídeos a respeito da alfabetização durante e após o ensino remoto. As reuniões tinham como foco a socialização por parte de cada uma das alfabetizadoras sobre suas impressões a respeito das leituras confrontando com sua prática. As falas foram transcritas e analisadas conforme os pressupostos metodológicos da Análise de Conteúdo (Moraes, 1994). Neste texto serão apresentados os dados da alfabetizadora Sabrina (nome fictício), que trabalhava com turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola municipal de periferia de um município do estado do Rio Grande do Sul.

A turma de 2º ano da professora Sabrina em 2021 era composta por 15 alunos, apenas a metade era assídua. A infrequência foi, portanto, um dos primeiros problemas sinalizados na reabertura das escolas. Algumas crianças, por exemplo, iam apenas uma vez por semana na escola. Segundo seu relato, “as crianças parece que não gostam mais da escola...não parecem motivadas” (Prof.^a Sabrina, 03//06/3021). A docente atribuiu esse aparente desinteresse ao novo formato da escola no qual não havia recreio, não podiam chegar perto dos colegas, enfim, foram diversas as mudanças que descaracterizam o contexto da escola como a conheciam. “Essa nova configuração da escola de “estar presente sem estar próximo” criou desafios a essas professoras alfabetizadoras e às próprias crianças que também desejavam essa aproximação que educa, que cria laços de amorosidade e incentivo para o aprender” (Ferreira; Michel; Nogueira, 2022, p.23).

Outro desafio encontrado e de certa forma já esperado, foram as imensas lacunas de aprendizagens que seus alunos apresentaram. Segundo a docente o Ensino Remoto Emergencial não contemplou as crianças pobres de periferia. Os chamados ‘excluídos digitais’ (EM REDE, 2020) sofrem as consequências da ausência da presencialidade tão importante no processo de alfabetização. Nas palavras da alfabetizadora: “Não dá! É ilusório achar que eles aprenderam da forma como foi o ensino remoto” (Prof.^a Sabrina, 03//06/3021). A professora reconhece que não há como alfabetizar uma criança a distância em um contexto, em que a maioria das crianças não conseguia participar de uma videochamada. Um ensino, que segundo seu relato, se reduziu a entrega de materiais impressos, e que nem sempre era realizado pelas crianças a notar pelo traçado da letra que fornecia indícios de que um adulto teria realizado a tarefa.

A escola, sobretudo, no período de alfabetização as relações e as trocas da docente com os alunos e desses com os seus pares, faz toda a diferença no processo de ensino aprendizagem, compreendendo a escola enquanto lugar de “sistematização e apropriação de conhecimentos socialmente valorizados, abrindo novas possibilidades de participação das crianças na cultura” (Dias; Smolka, 2021, p. 5). Assim, as lacunas de aprendizagens de conhecimento básicos relacionados à leitura e à escrita que não foram consolidadas, somadas à infrequência dos alunos que não pareciam estimulados em estar na escola nem tão pouco a participar das atividades propostas, foram sem dúvida, os grandes desafios desse primeiro momento de retorno ao presencial.

No ano seguinte, 2022, com uma outra turma de 3º ano, as crianças, de acordo com os relatos da docente, pareciam um pouco mais estimuladas com a escola que estava voltando a sua suposta normalidade. Sem os protocolos sanitários do ano anterior, retornaram aos poucos aos momentos de socialização e interações. Aproveitando esse cenário, a docente diz que investiu muito em trabalhos em grupos para promover diferentes atividades de brincadeiras e jogos

com objetivos pedagógicos, tentando sanar as dificuldades de leitura e escrita das crianças. Em sua avaliação as crianças traziam muitas defasagens, como se pode observar no trecho: “Eu estou com um 3º ano, mas que parece um 2º!” ” (Prof.^a Sabrina, 05/05/2022). Além disso, apresentavam problemas de outras ordens, questões básicas como entender como funciona a rotina, respeitar os turnos de fala, saber socializar e dividir a atenção da professora com os demais colegas, dentre tantos outros aspectos relacionadas à cultura escolar, parecem ter sido os desafios do ano letivo de 2022.

No ano seguinte a professora Sabrina percebeu que as crianças pareciam mais familiarizadas com a dinâmica do cotidiano escolar e a infrequência parece não ter sido mais um problema. No entanto, as questões relacionadas às aprendizagens continuaram sendo um grande desafio em 2023. Não houve por parte da mantenedora nenhum tipo de auxílio para enfrentar nessa questão. Foram as docentes que mais uma vez, sozinhas, a exemplo do período pandêmico com o ERE, que precisaram traçar formas de amenizar uma situação extremamente grave como as defasagens de aprendizagens apresentadas pelos alunos. Se antes da pandemia essa questão já era preocupante, com o retorno às aulas presenciais, observou-se que o panorama se agravou.

Preocupada com essa situação, a professora Sabrina organizou em seu planejamento, durante dois dias da semana, trabalhar com atividades que tivessem o foco na recomposição das aprendizagens. Assim evitaria que as crianças tivessem que voltar à escola em um contraturno. Essa iniciativa da docente acabou acarretando uma sobrecarga que correspondia ao trabalho com duas turmas com diferentes adiantamentos, sem contar os planejamentos para os alunos de inclusão que também apresentavam diversas dificuldades, somado ao fato da ausência de monitores para atender a esses alunos. “Eu faço tudo o que eu posso” (Prof.^a Sabrina, 25/04/2023), diz a professora com certo entristecimento, expressando impotência frente às necessidades pedagógicas de seus alunos.

Em face do exposto, observa-se que não houve um planejamento estratégico das secretarias com foco na recomposição das aprendizagens, nem mesmo em relação a recursos assegurados como monitores para auxiliar no atendimento às crianças de inclusão. De forma solitária, como foi durante a pandemia com todas as problemáticas do ensino remoto, mais uma vez, as docentes precisaram planejar formas de organizar as aprendizagens das crianças, a fim de tentar resolver a problemática das não-aprendizagens.

Desta forma, o comprometimento por parte do poder público em viabilizar condições de infraestrutura e de formação docente, neste momento é primordial e a isenção de sua responsabilidade, intensifica os desafios que estão sendo vivenciados na alfabetização. Por fim, considera-se que este texto

possa contribuir para reflexões necessárias no contexto pós-pandemia, no estresse gerado e quiçá no adoecimento dos profissionais da educação considerando, sobretudo, os aspectos elencados ao longo do texto.

REFERÊNCIAS

BERTONI, Estêvão. O quadro da volta às aulas no atual estágio da pandemia. **Jornal Nexo**, São Paulo, p. 01-09, 02 ago. 2021.

BOGDAN, Roberto; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

COSTIN, Cláudia. **Os desafios da volta às aulas presenciais**. [s.l.]: Portal FGT, 2021. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/desafios-volta-aulas-presenciais>. Acesso em: 08 ago. 2024.

DIAS, Daniele Pampanini; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Das (im)possibilidades de se alfabetizar e investigar em condições de isolamento social. **Revista Brasileira de Alfabetização**, [s.l.], n. 14. p. 228-244. 2021

EM REDE, Alfabetização. Alfabetização em rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia covid-19- Relatório Técnico (Parcial). **Revista Brasileira de Alfabetização**, [s.l.], n. 13, p. 185-201, 3 dez. 2020.

FERREIRA, Carmen Regina Gonçalves; MICHEL, Caroline Braga; NOGUEIRA, Gabriela Medeiros. O novo normal no cotidiano das escolas: desafios para alfabetização na perspectiva de duas professoras. **Revista Linhas (FLORIANÓPOLIS. ONLINE)**, v. 23, p. 112-139, 2022.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32. 1994.